

CONTRA-VISUALIDADES E ARTIVISMO: A CULTURA VISUAL COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA.

SABRINA SOUZA DE SOUZA¹;
ÚRSULA ROSA DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas / UFPEL – sabrina.souza2909@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas / UFPEL – ursularsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No contexto atual, a cultura visual desempenha um papel central na construção de discursos capazes de moldar as percepções e comportamentos sociais. Conforme observa HERNÁNDEZ (2000, p. 136), "cada manifestação cultural, cada arte e cada meio tem algumas características e uma história, e atualmente, a cultura é cada vez mais híbrida, o que faz com que os limites a partir dos quais se confronta a pesquisa sobre os novos 'objetos' da cultura visual sejam cada vez mais imprecisos". Essa hibridização evidencia como a arte e a visualidade se entrelaçam, tornando-se essenciais para compreender as narrativas que envolvem o corpo feminino e como estas são perpetuadas.

Nessa perspectiva, o ativismo feminista se utiliza dessa diluição para criar intervenções que subvertem o comum e o esperado, expondo questões de gênero e violência.

Nicholas MIRZOEFF (2016), em seu ensaio "O Direito de Olhar", ao explorar a teoria da cultura visual, enfatiza a importância das contra-visualidades, imagens e representações que desafiam as normas dominantes e possibilitam novas maneiras de ver e entender o mundo. Movimentos feministas como o 8M Pelotas empregam essas contra-visualidades para questionar visualidades patriarcais e oferecer formas de resistência que ocupam e transformam espaços públicos.

Esta pesquisa examina as práticas artivistas do movimento feminista oito de março Pelotas (8M Pelotas), investigando como o movimento utiliza a cultura visual e a arte para promover visibilidade e justiça. Ao fazer isso, o movimento constrói contra-narrativas que desafiam as representações tradicionais do corpo feminino, propondo novas formas de empoderamento e expressão.

2. METODOLOGIA

O estudo utiliza uma abordagem qualitativa, baseando-se em uma análise de registros de manifestações públicas e materiais produzidos pelo movimento 8M Pelotas. Foram examinados documentos visuais e textuais, incluindo fotografias de eventos, publicações nas redes sociais e artefatos gráficos, para compreender como a cultura visual contribui para a formação de discursos de resistência. A metodologia também incorpora o conceito de "corpo-bandeira", conforme discutido por RODRIGUEZ (2017), que permite entender como o corpo feminino se torna um veículo de expressão e visibilidade numa perspectiva performática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas do movimento feminista 8M Pelotas exemplificam uma aplicação expandida da pedagogia, que vai além da transmissão de conhecimento em contextos escolares para atuar como uma força de transformação social. Inspirada por Paulo Freire, essa abordagem pedagógica se propõe a apoiar lutas pela liberdade e justiça. Nesse sentido, a educação é compreendida como uma prática de libertação que possibilita a crítica e a ação coletiva, rompendo com as limitações da pedagogia instrumental.

As ações do 8M Pelotas revelam como o espaço público é utilizado para tornar visíveis questões de gênero e violência contra as mulheres. A ocupação do espaço urbano com intervenções artísticas, como performances, colagens e cartazes, funciona como um meio de resistir às normas patriarcais. Essas ações são "contra-visualidades" no sentido descrito por Nicolas Mirzoeff, pois propõem imagens alternativas que desafiam os padrões dominantes de representação e criam novas possibilidades de expressão e empoderamento. Dessa forma, a pedagogia de resistência se manifesta na prática ativista, onde o aprendizado ocorre por meio da experiência direta de ocupar e transformar o espaço público.

Figura 1 – Artes dos lambes e adesivos para atividades 8M Pelotas, 2024.



Fonte: Acervo 8M Pelotas.

As práticas do 8M Pelotas ilustram como a pedagogia de resistência extrapola os limites da educação formal e atua nas lutas sociais, como observa WALSH (2013). A ocupação do espaço público permite que a educação ocorra de maneira fluida e dinâmica, promovendo a reflexão e o questionamento sobre as estruturas de poder que limitam a autonomia das mulheres. A arte, assim, torna-se

uma ferramenta essencial para dar visibilidade à violência de gênero e evocar a memória de vítimas, criando um espaço de re-existência.

Figura 2 - Atividades realizadas pelo movimento 8M, Pelotas, 2024.



Fonte: Imagens compartilhadas pelo grupo de mensagem 8M.

HERNÁNDEZ sugere que essas práticas são “o que chamamos de arte diluiu-se na vida, na publicidade e nos múltiplos estímulos visuais que perseguem o homem e a mulheres de hoje” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 35), e isso é visível nas ações do 8M Pelotas. O movimento utiliza a arte como meio de expressão, tanto para denunciar as injustiças quanto para construir narrativas alternativas que evocam a memória coletiva. As performances, manifestações e materiais visuais ampliam o impacto da arte, dissolvendo-a no cotidiano e promovendo a justiça social de forma duradoura.

Essa ocupação do espaço urbano para criar uma memória coletiva e desafiar as normas dominantes reflete a importância de integrar arte e ativismo como uma prática de resistência. Ao fazê-lo, o movimento contribui para a construção de uma pedagogia que ultrapassa os limites da sala de aula e se estabelece como uma metodologia de luta social e transformação. Assim, a arte e o espaço público se entrelaçam, criando uma plataforma poderosa para a visibilidade, resistência e reivindicação dos direitos das mulheres, onde as ações performáticas e a cultura visual se transformam em instrumentos de empoderamento e reivindicação.

4. CONCLUSÕES

A intersecção entre arte, cultura visual e pedagogia nas práticas do movimento 8M Pelotas destaca sua importância na luta contra a violência de gênero e na promoção dos direitos das mulheres. A cultura visual, ao ser integrada a práticas pedagógicas e movimentos sociais, desestabiliza estruturas de poder estabelecidas e abre espaços para novas epistemologias.

As visualidades que emergem das experiências cotidianas das mulheres não apenas visibilizam questões sociais, mas também constroem uma narrativa coletiva que valoriza a diversidade. Assim, o movimento convida à construção de um futuro

onde a justiça e a igualdade sejam normativas, tornando a arte e a cultura visual ferramentas essenciais de resistência e transformação social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MIRZOEFF, Nicholas. **O direito a olhar**. ETD-Educação Temática Digital, [S.l.], v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016.

RODRIGUES, Brisa. O Corpo Bandeira - Sujeito Feminino, Objeto de Arte em Performance. **Revista Arte da Cena**. Goiânia, v.1, n.1, p. 43 - 54, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/46634>. Acesso em: 01 agost. 2024.

WALSH Catherine. **Pedagogíasdecoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. Disponível em: [Walsh, C. PedagogíasDecoloniales. Prácticas Insurgentes De Resistir, \(re\)existir Y \(re\)vivir. TOMO I :Walsh,C. : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive](#). Acessado em: 16 jul. 24.